

**Educação, memória e patrimônio:
a comunicação do passado no Memorial da UFRPE**

Ricardo de Aguiar Pacheco¹

Resumo: Neste artigo apresentamos um diagnóstico do trabalho desenvolvido pela equipe do Memorial da UFRPE ao longo do ano de 2009. Neste período, o Memorial da UFRPE foi rearticulado com o intuito de ser um espaço de guarda, pesquisa e comunicação da memória dessa instituição de ensino superior. Neste artigo fazemos uma análise do processo de reativação desse espaço de preservação, bem como das pesquisas que fundamentaram a exposição ‘UFRPE: ensino, pesquisa e extensão’ e as ações educativas à ela relacionadas.

Palavras-Chave: Museu, Memória, Patrimônio

Education, memory and heritage: the communication of past in the Memorial da UFRPE

Abstract: In this article we present a diagnosis of the work developed in the “UFRPE Memorial” along the year of 2009. In this time, the Memorial was articulated with the intention to be a space responsible to keep research and communicate the memory of UFRPE. In this article we do an analysis of the process of reactivation in that preservation space, as well as the researches that had bases to the exhibition “UFRPE: teaching, investigate and extension” and her educative actions.

Key Words: Museum, Memory, Inheritance

A moderna Museologia entende que as instituições de memória são responsáveis pela preservação, investigação e comunicação dos objetos culturais, materiais e imateriais de seu acervo.² Ou seja, entende que os museus históricos, para além da tradicional função de guarda dos objetos antigos, atuam na pesquisa sobre os significados sociais atribuídos a estes objetos culturais e na divulgação dessas representações para diferentes grupos sociais que ele atende.

“A origem mítica dos museus tanto está associada ao templo das musas quanto ao poeta denominado Museu, filho de Orfeu e Selene. Para além das

1 Dr. Em História; Prof. da UFRPE

2 CHAGAS, Mario. Museália. Rio de Janeiro: JC editores, 1996.

divergências e convergências mitológicas, a presença dos museus no mundo está associada a projetos de indivíduos e sociedades em mudança. Neste sentido, no mundo contemporâneo, importa compreender os museus como projetos e metamorfoses – projetos de civilização, metamorfoses de significados e sentido culturais -; importa compreendê-los como poesia: como filosofia, arte e ciência, ao mesmo tempo.”³

Inspirados por esta perspectiva multifacetada exposta por Mario Chagas, pensamos o Memorial da UFRPE como instituição museológica que não se limita à guarda e conservação de documentos. O vemos para além dessa primeira tarefa, como espaço onde se promovem pesquisas interdisciplinares sobre os significados simbólicos atribuídos aos objetos de memória de seu acervo. Somente com essas bases se consegue tornar operacional a tarefa de comunicar poeticamente a memória institucional e fazê-la significativa para os diferentes grupos sociais presentes na universidade.

O Memorial da UFRPE foi criado pela Resolução 65/84 do Conselho Universitário e instituído como unidade administrativa vinculada a Pró-Reitoria de Ações de Extensão da Universidade pela resolução número 80/90 do CEPE. Nesses documentos estão expressos os objetivos do Memorial da UFRPE:

“- Pesquisar, coletar, identificar, recuperar, catalogar, conservar e expor documentos e outros objetos ligados as diferentes fases da vida da instituição, desde a criação de ‘Célula Mater’ a Escola Superior de Agricultura e Veterinária São Bento.

“- Propiciar à comunidade universitária, aos estudiosos e a sociedade de um modo geral, um acervo de elementos balizadores das ações e serviços prestados pela instituição à educação local, regional e nacional, notadamente na esfera do conhecimento teórico-prático-científico, ligados ao setor primário da economia

3 CHAGAS, Mario. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. In: Museus: Revista do Patrimônio. Brasília, Nº 31. P. 14 – 25. P. 24.

“- Expor documentos e peças significativas de seu acervo que testemunhem as diferentes fases evolutivas da UFRPE.”⁴

Percebemos que a estrutura do Memorial da UFRPE surge e se estabelece a partir de uma percepção da instituição – de seus professores, técnicos e discentes representados nos colegiados da administração superior – de que a trajetória da Universidade, suas conquistas e seu papel junto à comunidade não poderiam ser relegados ao esquecimento. Antes, deveriam ser lembrados não apenas como motivos de orgulho de um passado significativo, mas também como estímulo para os enfrentamentos a que as instituições de ensino superior do país são postas.

Em 2005, a casa onde residiu o Professor Ivan Tavares, professor emérito da UFRPE, foi restaurada e adequada para abrigar o acervo da Universidade. Sediado na Casa Ivan Tavares, o Memorial da UFRPE passou a contar com duas salas de exposição, sala climatizada para a guarda dos documentos, espaço para reserva técnica, sala de restauro, sala para a pesquisa e para a administração do memorial, em uma área que ultrapassa 200m². Contudo, por uma soma de infortúnios, no início do ano de 2009 este belo espaço e rico acervo encontravam-se subutilizados.

Visando revitalizar suas atividades de guarda, pesquisa e comunicação, foi articulado o projeto de pesquisa e extensão “Memorial da UFRPE: Educação, Memória e Patrimônio Histórico.” Este teve como objetivo estratégico potencializar as ações da equipe de trabalho do Memorial, dando utilização plena ao acervo documental e aos recursos materiais já disponíveis em sua sede. E, desta forma, buscar parcerias para novas iniciativas voltadas à pesquisa, conservação e divulgação do seu acervo.

A formalização de práticas de preservação e difusão da memória institucional é cada vez mais comum nas sociedades contemporâneas. Essas ações vêm atender a um movimento que historiadores como Jaques Le Goff descrevem como uma tecnificação, uma profissionalização dos processos de guarda e difusão dos elementos simbólicos que unem os grupos sociais. Segundo o autor, nessas sociedades, a memória coletiva transmitida através da tradição oral, típica das comunidades primitivas, cede lugar à

4 UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Resolução do Conselho Universitário Nº 64/84

memória oficial, registrada e documentada, produzida por especialistas detentores das técnicas e da autoridade de articular os enunciados sobre o passado.

“A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.”⁵

Para fundamentar este raciocínio, Maurice Halbwachs lembra que a memória individual, entendida como a capacidade cognitiva de evocar elementos materiais ou simbólicos ausentes, é enriquecida pela memória coletiva. Esta última é produzida e difundida pelos depoimentos que os sujeitos autorizados enunciam através de diferentes lugares sociais. Ao ser reconhecida como narrativa legítima do passado de um grupo social, a memória coletiva atua como elemento constituinte de uma identidade social. Nesse momento, para além de lembrança de um passado que já se foi, a memória social aponta para as potencialidades de um futuro que se deseja construir.

“Cada grupo tem sua história. Neles distinguimos personagens e acontecimentos – mas o que chama a atenção é que, na memória, as semelhanças passam para o primeiro plano. No momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo.”⁶

Foi justamente esta capacidade de servir como elemento identitário que fez com que os Estados Nacionais, grupos étnicos e diferentes instituições passassem a desenvolver políticas de registro e difusão de sua memória coletiva. Para autores como

5 LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. Campinas: Unicamp, 1996. p. 423 – 484. p. 475.

6 HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006. p. 108.

Lúcia Lippi Oliveira⁷, as políticas culturais da memória partem da definição dos objetos culturais significativos para aquela comunidade de sentidos. Uma vez selecionados, estes objetos se tornam metáforas que dizem aos membros da comunidade quem somos “nós” frente ao “outro.”

Foi com esta intenção que as comunidades passaram a construir os monumentos, os museus, e memoriais. Françoise Choay⁸ chama estes locais específicos de “lugares de memória”, e os objetos que eles guardam, de “alegorias do passado”. Com isso, quer nos alertar que eles não são o próprio passado, mas objetos culturais selecionados e ordenados para produzir um discurso sobre o passado que atenda as demandas do presente.

Este conjunto de objetos culturais, materiais e imateriais, herdados pelos contemporâneos, passaram a constituir o patrimônio histórico das comunidades. Para Maria Cecília Londres Fonseca⁹, este processo implica em atribuir aos objetos um valor simbólico que originalmente não lhes pertencia. Ou seja, ao escolhermos um objeto para o acervo de um memorial estamos retirando-o de seu contexto original para lhe atribuir outra funcionalidade: a de evocar o passado em um discurso articulado para este fim.

Ao problematizar a força dos processos educativos sobre os sujeitos, Carlos Rodrigues Brandão nos lembra que *“como outras práticas sociais constitutivas, a educação atua sobre a vida e o crescimento da sociedade em dois sentidos: 1) no desenvolvimento de suas forças produtivas; 2) no desenvolvimento de seus valores culturais.”*¹⁰ A escola, ao transmitir informações, permite aos sujeitos se apropriarem dos saberes da sua comunidade. De forma muito mais potente, as instituições de memória – como os museus – ao exporem objetos que materializam as experiências dos grupos, se tornam potentes espaços formativos do sujeito. E são muitos os grupos sociais que se utilizam desses lugares de memória para promover a difusão de suas identidades sociais.

7 OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Cultura e Patrimônio. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

8 CHOAY, Françoise. Alegoria do patrimônio. São Paulo: Unesp, 2001.

9 FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo. Trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1997.

10 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 75.

O processo de patrimonialização dos objetos culturais é um fenômeno da era contemporânea que se iniciou de forma amadora durante a Revolução Francesa. Ao longo do século XX, foi assumida como política de Estado através da criação de órgãos voltados ao registro, preservação e difusão dos objetos de memória. No século XXI, pressionados pelos intensos contatos multiculturais, os diferentes grupos sociais se mobilizam pela preservação de sua memória. Nesse cenário, as grandes instituições públicas e privadas – como é o caso da UFRPE – necessitam de políticas claras de preservação de sua memória institucional sob pena de caírem no auto-esquecimento e consequente diluição de sua identidade frente ao conjunto da sociedade.

O fortalecimento do Memorial da UFRPE como espaço de memória voltado para reflexão-ação sobre as relações entre educação, memória e patrimônio histórico – às vésperas do centenário desta universidade – responde a essa multiplicidade de tarefas institucionais. Ao guardar, investigar e comunicar seu acervo, a equipe de trabalho do Memorial da UFRPE se conforma como grupo de pesquisa que investiga as representações sociais constitutivas da identidade coletiva da comunidade acadêmica. Assim, problematiza e reafirma o papel da universidade como instituição de ensino vinculada ao seu tempo-espaço social.

Entendemos que a missão do Memorial da UFRPE não se limita a guarda de um acervo institucional. Esta atividade somente se completa quando se estende à investigação científica sobre as relações simbólicas existentes entre os objetos históricos. Apenas a atividade de pesquisa pode alimentar a difusão da memória institucional e das práticas educativas formais e informais. Somente a reflexão cientificamente orientada pode incidir de forma positiva no complexo jogo de forças das formações identitárias das sociedades contemporâneas.

Metodologia de trabalho

Frente à natureza museal do trabalho desenvolvido no Memorial da UFRPE, optamos por utilizar uma metodologia multidisciplinar que pensou a pesquisa na sua dimensão operacional – como produtora de conhecimentos e produtos que contribuam para a comunicação museal – mas também na sua dimensão estratégica – como

experiência formadora de sujeitos capazes de replicar esta metodologia em outras situações.

Como operação técnica, a pesquisa aponta para uma qualificação da relação que essa instituição de ensino superior mantém com sua comunidade, uma vez que, ao registrar memórias, ela identifica significados atribuídos aos objetos culturais do acervo, ao longo do tempo. Assim, este projeto envolveu pesquisadores com diferentes formações (História, Educação, Sociologia, Antropologia) que, se utilizando de seus saberes disciplinares, problematizaram as múltiplas relações entre Educação, Memória e Patrimônio Histórico e sistematizaram informações acerca das memórias institucionais e os objetos culturais do acervo. Já na dimensão estratégica, promovemos a qualificação técnica de pesquisadores – em diferentes níveis de formação – para lidar com a preservação patrimonial em diferentes contextos. Assim, graduandos, acostumados às aulas teóricas, foram postos frente a situações problema, ao mesmo tempo em que professores se viram diante da necessidade de transformar debates teóricos em ações concretas de preservação patrimonial.

Com essa referência, desenvolvemos uma metodologia que seguiu três movimentos: a pesquisa inicial, a comunicação museal e o programa educativo. Seguindo esta proposta, inicialmente os pesquisadores da equipe se utilizaram das referências teóricas e metodológicas de sua área (História, Sociologia, Antropologia e Educação) para construir subprojetos que abordaram temas e/ou objetos de memória disponíveis no acervo. No segundo momento, os resultados de cada uma dessas diferentes pesquisas foram problematizados para se tornarem uma exposição museológica com o objetivo de comunicar suas conclusões e, desta forma, difundir as narrativas de memórias da comunidade acadêmica. Finalmente, foi planejado e executado um conjunto de ações educativas a fim de potencializar o uso deste patrimônio histórico como elemento narrativo e difusor da memória institucional trabalhada na pesquisa inicial e transformada em exposição museológica.

Para realizarmos o conjunto dessas tarefas, dividimos as ações previstas na forma de sub-projetos. Cada um deles respondeu a uma ação como um todo – pesquisa inicial; musealização dos resultados; programa educativo – ou apenas a uma dessas

etapas. E os resultados foram apresentados nas salas de exposição do memorial na forma de exposição museológica.

Organização do acervo e da exposição permanente

Frente ao estado de abandono a que se encontrava o acervo do Memorial da UFRPE, foi necessário estabelecer uma ordem de tarefas e de objetivos a serem atingidos progressivamente: a) arrumar fisicamente o espaço da Casa Ivan Tavares; b) preparar a Casa para a visita; c) organizar a recepção dos visitantes. Muito embora houvesse um planejamento inicial, essas tarefas foram sendo planejadas e realizadas simultaneamente, sendo muitas vezes refeitas para se encontrar a melhor solução.

Para reabrir o memorial foi tomada uma série de iniciativas e ações administrativas, sendo que, primeiramente, foi elaborado um projeto de extensão que depois se desdobrou em projeto de pesquisa. Estes, orientaram as atividades e possibilitaram nossa participação em editais de financiamento para ações de pesquisa e extensão. Mas também foram feitas ações mais prosaicas, como recolocar o prédio na rotina da equipe de limpeza da universidade, substituir as lâmpadas queimadas, fazer reparos no telhado. Em meio a isso, também editamos um blog que faz o registro e a divulgação das atividades realizadas no Memorial.¹¹

O financiamento institucional do projeto contou com a concessão de bolsas – quatro bolsas de extensão e duas bolsas de incentivo acadêmico. Contudo, as ações destes ficaram um tanto limitadas pela ausência de equipamentos adequados ao trabalho. Apenas para clarificar esta situação, devemos dizer que, inicialmente, os cartazes da exposição foram feitos à mão, pela ausência de um computador para editá-los e de impressora para produzi-los. Ainda assim, destacamos que atingimos diversas metas inicialmente pretendidas. A primeira delas, e que tem um efeito ritualístico, foi a abertura da Casa Ivan Tavares com regularidade. Com essa ação, voltamos a dar funcionalidade a esta unidade administrativa da UFRPE que estava fechada e sem desempenhar sua importante missão de difusão da memória institucional.

¹¹ Informações sobre os trabalhos desenvolvidos ao longo de 2009 estão disponíveis no endereço eletrônico do Memorial da UFRPE: <http://www.memorialufrpe.blogspot.com/>

Ao longo do primeiro semestre de trabalho, realizamos a limpeza e o acondicionamento das peças e documentos do acervo na reserva técnica. Como o Memorial encontrava-se sem equipe responsável por período superior a um ano, estimamos que durante esse tempo, tenha havido apenas ações pontuais de limpeza das salas. Desta forma, iniciamos nossa ação realizando aquela que é a função primeira das instituições de memória, ou seja, a guarda e conservação de documentos e objetos que contam a história da UFRPE e, por extensão, do ensino agrícola e superior em Pernambuco.

Assim, juntamente com os bolsistas de extensão iniciamos a arrumação da casa. Primeiro, foi necessário realizar uma limpeza reforçada do chão, das paredes, dos armários. Depois, planejar uma nova distribuição dos móveis e do acervo. Para chegarmos a uma boa solução, experimentamos diferentes possibilidades de utilização dos espaços para, finalmente, colocarmos as peças do acervo nos seus locais de forma organizada. Ao final desse processo, os espaços da Casa Ivan Tavares passaram a ser utilizados de outra forma. Os dois salões maiores ficaram destinados às exposições museológicas. Dedicamos duas salas menores e mais isoladas à reserva técnica, onde os documentos e objetos do acervo ficam guardados em estantes. Também separamos uma sala para as atividades administrativas e de pesquisa, onde estão os poucos equipamentos de que dispomos para realização das tarefas.

Ao organizar o acervo do memorial, decidimos formar quatro fundos: o fundo de documentos em suporte papel; o fundo de objetos tridimensionais; o fundo de fotografias; e o fundo de publicações da UFRPE. Identificamos que boa parte do acervo documental já se encontrava catalogado. Também encontramos o fichário correspondente a estes documentos. Contudo, ainda não conseguimos identificar como as fichas de catalogação se relacionam com o arquivo. Tomamos a opção de apenas acondicionar as caixas deste arquivo de documentos em armários e esperar o momento em que consigamos identificar o arranjo utilizado. Dessa forma, foi constituído o fundo de documentos em papel.

Já os objetos tridimensionais encontravam-se espalhados pelas partes da casa. Mesmo percebendo que algumas peças tinham uma etiqueta de datação, não foi possível identificar algum arranjo de catalogação. Nossa opção foi agrupar todos os objetos

tridimensionais, limpá-los e colocá-los em armários. Assim, constituímos o fundo de objetos tridimensionais. Também encontramos um conjunto de fotografias e outro de publicações de ex-professores da universidade. Contudo, raros são os objetos que possuem alguma identificação. Assim, nos limitamos a reuni-los, constituindo um fundo de fotografias, que está acondicionado em caixas de papelão, e o fundo de publicações, que estão em prateleiras.

Ao mesmo tempo em que manipulávamos as peças e documentos do acervo para limpá-los e guardá-los, iniciamos a tarefa de concepção e organização de uma exposição permanente que utilizasse esta cultura material da UFRPE. Inicialmente, escolhemos como tema a tríade “Ensino, Pesquisa e Extensão.” E com este tema em mente, fizemos uma seleção de documentos e objetos do acervo para a exposição.

Ao longo dessa tarefa de limpeza e guarda dos objetos do acervo, a equipe de bolsistas foi orientada a realizar pesquisas pontuais sobre os mesmos. Como exemplo destas ações, citamos a investigação sobre o “Projeto Pau-Brasil”, que foi um programa de extensão realizado pelo Prof. João Roldão ao longo da década de 1980 pela UFRPE. Esta ação constitui-se basicamente da valorização do pau-brasil – na época em extinção – como árvore nacional e distribuição de suas mudas para diversas instituições do país, com o intuito de sua preservação. Foram encontrados no acervo diferentes documentos e objetos que representam esta página da história da UFRPE. Uma seleção dos mesmos acabou por se transformar em parte da exposição permanente.

Ainda no processo de arrumação do acervo, foram identificados instrumentos de ensino e pesquisa de diferentes períodos da UFRPE. Assim, os bolsistas foram orientados a produzir séries de objetos como projetores de imagens, teodolitos, microscópios, balanças de precisão e cadeiras. Estas séries também se tornaram parte da exposição.

Mas também foram produzidas pesquisas para além do acervo do memorial. Em outros arquivos foram pesquisadas informações sobre a data de início dos diferentes cursos de graduação da UFRPE, bem como sua organização institucional, além da constituição de setores como a biblioteca, por exemplo. Cada uma dessas pesquisas foi

elaborada para se tornar parte da exposição do Memorial e, assim, comunicar aos visitantes as informações por elas sistematizadas.

Com base nessas pequenas pesquisas e achados, foi montada a exposição permanente “UFRPE: Ensino, Pesquisa e Extensão” que remete à história institucional da UFRPE. Estando exposta no salão principal da Casa Ivan Tavares, ela passou a ser o principal atrativo do público visitante. Ela está dividida nestas três grandes partes que representam a tríade universitária. Na parte do ensino, reunimos uma linha cronológica dos cursos de graduação, uma série de cadeiras e outra de projetores de imagens utilizados em diferentes períodos nas salas de aula da UFRPE. Na parte sobre a pesquisa, apresentamos uma série de teodolitos e outra de microscópios, além da de vidros de ensaio. A extensão, está representada através de fotografias de diferentes ações empreendidas pela UFRPE, com um destaque para o conjunto de documentos sobre o “Projeto Pau-Brasil”, no qual se inclui uma amostra de caule da árvore.

Mas a exposição faz outras referências. Uma pequena sala faz referência aos três grupos da comunidade universitária, dispendo sobre mesas distintas, objetos que remetem aos docentes, aos discentes e aos técnicos administrativos. Expositores diferentes apresentam informações e objetos que remontam: ao hospital veterinário, à biblioteca, aos colegiados superiores, ao campus universitário e à cerimônia de formatura.

Ações educativas

Para trabalhar a partir dessa exposição, foram planejadas e organizadas atividades educativas que explorassem os objetos de memória da UFRPE. A primeira ação planejada foi a visita guiada ao Memorial da UFRPE. Para isso, foi pensado um roteiro básico que se iniciou pela apresentação da própria Casa Ivan Tavares, seguida da significação do fato de os professores residirem no Campus universitário. Após essa primeira apresentação, foram explorados objetos do entorno da casa, como um trator pertencente às atividades dos cursos agrícolas, e os pés de acerola e pau-brasil plantados ao redor do prédio.

Posteriormente, passou-se à exposição permanente anteriormente descrita, explorando-se cada uma das partes em que ela está estruturada. Como a organização de

cada um dos setores da exposição esteve a cargo de um bolsista específico, foi necessário realizar uma dinâmica de preparação do grupo de bolsistas, para realizar a ação de monitoria. A preparação consistiu, basicamente, em fazer com que, seguindo o roteiro, cada bolsista ficasse responsável por relatar ao restante do grupo de que forma havia organizado sua parte da exposição.

Posteriormente, passamos a planejar e preparar ações educativas mais complexas para desenvolver com o público visitante. Tomando por base as referências da metodologia da Educação Patrimonial apresentadas por Horta¹², elaboramos três atividades didáticas voltadas a públicos de diferentes faixas etárias.

A primeira consistiu em um jogo de caça-palavras voltado para crianças de 7 a 10 anos. Após a visita da exposição, foi entregue às crianças o jogo, onde elas deveriam encontrar as palavras “memorial”, “ensino”, “pesquisa” e “extensão”. Posteriormente, foi solicitado que as crianças utilizassem o verso da folha para, ou redigir ou desenhar, sobre algum elemento da exposição que tenham gostado. Por fim, foi solicitado a alguns membros do grupo que socializassem suas impressões sobre a exposição.

A segunda atividade consistiu, basicamente, em um “jogo dos erros”. No jogo existiam duas fotos de dois microscópios idênticos, sendo um bem conservado – que faz parte da exposição – e outro danificado e com a ausência de algumas peças. As crianças de 10 a 14 anos foram orientadas a assinalar diferenças entre os dois objetos fotografados. Depois, foi feita uma conversa sobre o que produziu essas diferenças, apontado para a necessidade de conservação de objetos de memória. Ao final, foi solicitado que no verso da folha se fizesse uma carta, argumentando sobre a necessidade da preservação patrimonial.

A terceira atividade pedagógica foi voltada aos visitantes com mais de 15 anos e consistiu na montagem de um álbum de figurinhas. Nessa atividade, foi repassado ao grupo uma caixa com várias fotos de objetos da exposição – são 20 peças reproduzidas em figurinhas de 4x5cm. Cada participante teve de escolher quatro figurinhas para colar

12 HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Rio de Janeiro: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

em uma folha A4. Posteriormente, foi solicitado que cada um escrevesse porque decidiu selecionar determinados objetos para a sua coleção. A partir da leitura de algumas argumentações, foram explorados os diversos conceitos da preservação patrimonial tais como memória, significação, seleção.

Conclusão

Quando visualizamos a possibilidade de atuar junto ao Memorial da UFRPE nos sentimos desafiados e com o desejo de realizar muitas atividades. Isso nos levou a propor um projeto com diversos objetivos que, agora vemos, são irrealizáveis no período de um ano de atuação e, menos ainda, com a estrutura de pessoal e de equipamentos de que dispomos. Neste momento entendemos que estamos distantes das condições ideais para a realização do trabalho técnico que um museu necessita. Assim, nos voltamos a ações prioritárias tais como a melhoria das condições de guarda do acervo, organização de uma exposição permanente que estimule a visita ao Memorial, e a preparação de atividades educativas simples, mas que permitam a exploração desse espaço educativo sobre a história do ensino superior em Pernambuco.

Hoje sabemos que trabalhamos em dimensões menores do que aquelas que tínhamos no início do projeto. Mas acreditamos ter encontrado um ponto no qual sabemos que não fazemos tudo o que é necessário a uma instituição de memória, mas que realizamos com serenidade aquilo que é possível para preservar objetos e documentos da história institucional da UFRPE. Já construímos condições para utilizar o espaço da Casa Ivan Tavares como uma instituição de memória, definindo espaços para as salas de exposição, a reserva técnica e área administrativa. Montamos uma exposição permanente que representa a história da universidade e produzimos atividades pedagógicas para públicos de diferentes idades. Mesmo assim, sabemos que isso tudo é o resultado do trabalho de um grupo esforçado, ciente de que ainda possui muito trabalho pela frente.

Bibliografia:

CHAGAS, Mario. Museália. Rio de Janeiro: JC editores, 1996.

CHAGAS, Mario. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. In: Museus: Revista do Patrimônio. Brasília, N° 31. P. 14 – 25.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Resolução do Conselho Universitário N° 64/84

LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. Campinas: Unicamp, 1996. p. 423 – 484.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Cultura e Patrimônio. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

CHOAY, Françoise. Alegoria do patrimônio. São Paulo: Unesp, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo. Trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Memorial da UFRPE: <http://www.memorialufrpe.blogspot.com/>

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Rio de Janeiro: IPHAN; Museu Imperial, 1999.